

# Atalla pede Cr\$ 6 bilhões ao BB

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O crédito pedido pelo empresário Jorge Wolney Atalla ao Banco do Brasil é no valor de US\$ 300 milhões, ou cerca de Cr\$ 6 bilhões, informou ontem a instituição financeira, em nota distribuída à imprensa. Esclarece a nota, ainda, que o empresário ficou de entregar, ontem, em São Paulo, informações adicionais sobre a situação econômico-financeira das empresas do grupo, para servir de base à decisão do Banco do Brasil.

O Banco informou, também, que o grupo Atalla está em dia quanto ao pagamento dos créditos concedidos anteriormente pela instituição financeira e que, quanto à empresa Hills Brothers, ela pertence à Copersucar e não ao grupo Atalla.

É a seguinte a íntegra da nota distribuída ontem pela Secretaria de Imprensa do Banco do Brasil:

“BB adia decisão sobre grupo Atalla

Com relação às notícias divulgadas pela imprensa sobre a situação financeira do grupo Atalla, o Banco do Brasil informa que seu pedido de crédito, no valor global de US\$ 300 milhões, continua sendo estudado pelo Banco.

Foram solicitadas ao sr. Jorge Wolney Atalla informações adicionais sobre a situação econômico-financeira das empresas do grupo. Essas informações ficaram de ser entregues hoje, terça-feira, dia 9, em São Paulo. Somente após o seu recebimento e estudo cuidadoso é que o Banco do Brasil se pronunciará quanto ao atendimento ou não do pedido de empréstimo.”

Quanto à posição atual em relação aos créditos concedidos pelo Banco do Brasil, o grupo está em dia com os pagamentos e, com relação à empresa Hills Brothers, é de se esclarecer que ela é de propriedade da Copersucar e não do grupo Atalla.

Conforme prometido pelo seu presidente, sr. Karlos Rischbieter, tão logo o Banco do Brasil tenha chegado a uma decisão sobre se concede ou não o empréstimo solicitado pelo grupo, o Banco do Brasil, como empresa do governo, e tendo em vista o vulto da operação, procederá a sua divulgação para conhecimento da opinião pública”.

## DESMOBILIZAÇÃO

A nota que o Banco do Brasil distribuiu à imprensa não estipula uma data para o desfecho do “caso Atalla”, nem

cita a exigência de desmobilização de empresas do empresário ou menciona mais detalhes. Contudo, a análise econômico-financeira que o Banco está fazendo de todo o grupo indica também que o objetivo é verificar quais as empresas que o empresário paulista será obrigado a desmobilizar. O Banco do Brasil também não informou onde o grupo Atalla pretende aplicar os US\$ 300 milhões.

Permanece válida, porém, a informação de alta fonte da Secretaria do Planejamento da Presidência da República, de que o grupo deverá também injetar recursos próprios no valor correspondente a 20% do valor do empréstimo. Nesse esquema, Atalla seria obrigado a vender algumas de suas empresas, para obter mais de US\$ 60 milhões, cerca de Cr\$ 1,26 bilhão.

O grupo não conseguirá arrecadar essa soma apenas com a venda da Companhia de Carbonos Coloidais, de Salvador, e da Companhia de Cimento do Planalto, de Brasília, pois ambas estão avalladas, pelo próprio grupo, em torno de US\$ 32 milhões. Como as autoridades já manifestaram a opinião de que as atividades de Atalla devem restringir-se à produção de açúcar e café, poderá ser colocada ainda à venda a participação do grupo nos setores químico, petroquímico e de mineração ou bens particulares do empresário.

O Banco do Brasil endossou, também, a declaração do secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, Murilo de Macedo, de que os problemas financeiros em exame ficam limitados aos das empresas do grupo Atalla. Embora o empresário tenha participação de 9,3% e seja presidente da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Coopersucar), o Banco ainda não está preocupado com a situação da Cooperativa ou mesmo de sua subsidiária norte-americana Hills Brothers.

Uma fonte da área monetária considerou, ontem, a possibilidade de o empréstimo de US\$300 milhões ser feito no Exterior, com a aprovação do Banco do Brasil. Explicou que, se isso ocorrer, será em consequência de uma decisão do governo e não do próprio Banco. Ressaltou também ser difícil um grupo privado, mesmo com o aval do Banco do Brasil ou do governo, levantar essa quantia junto a banqueiros internacionais.

Mas o Banco do Brasil já deu aval em operações anteriores, apenas em montante bastante inferior. Para US\$300 milhões, somente com a aprovação do governo, acrescentou.